

O GLOBO Pequenos assassinos

05 FEV 1994

MERVAL PEREIRA

A cada dia que passa, morre um pouquinho a democracia brasileira. Vai sendo assassinada por pequenas esperanças que são armadas nos bastidores políticos como se fossem jogadas de mestre, ao mesmo tempo em que um governo inapetente e incompetente sofre uma derrota atrás da outra por falta de coordenação motora de seus principais líderes.

Eu disse líderes? Errei, leitor. O Governo não tem líderes, porque não tem definição. É cada um por si. E em alguns casos, como na revisão constitucional, o Governo finge que quer e faz corpo mole, por que fala mais alto o nacionalismo esclerosado do presidente Itamar Franco.

Itamar, por sinal, é daqueles políticos que, como Saturnino Braga, ex-prefeito do Rio, desmoralizam a honestidade. Os especialistas em ética na política gastam tempo e neurônios para estabelecer teses sobre a necessidade de sermos politicamente corretos, e figuras respeitáveis como Itamar e Saturnino aparecem de tempos em tempos para provar que não basta ser ético, é preciso ser pragmático para se ter sucesso na política.

Mas ser pragmático não pode ser sinônimo de esperto. Por exemplo, decidir que as sessões serão abertas, mas manter secreta a votação para a cassação dos mandatos dos parlamentares, é puro golpe marqueteiro para enganar a opinião pública, confundir e levar adiante a manobra que visa a absolver pelo menos os dois peixes grandes apanhados na malha exageradamente aberta da CPI do Orçamento, Ibsen Pinheiro e Ricardo Fiúza.

Querem outro exemplo da mesquinha que tomou conta do Congresso nos últimos dias? Pelo menos dez deputados que prepararam, na CPI do Endividamento Agrícola, a proposta de anistiar os débitos dos agricultores estão inadimplentes com o Banco do Brasil. E a aprovação no plenário da Câmara de tal absurdo significa que muitos outros interesses estavam atentos à mamata, numa semana em que não se obteve quorum para resolver questões que realmente interessam ao país.

Os senhores congressistas, às vésperas das eleições, perderam a noção do geral, do público, e atiram-se, vo-

razes, à defesa de interesses pessoais ou grupais, pouco se lixando para as consequências. E não são apenas os partidos tradicionais que colocam seus interesses à frente dos da Nação. A febre eleitoreira atingiu todos, até mesmo o PT, que se autoprotela defensor da moralidade. Pois bem, a maioria de sua bancada na Câmara, disposta a votar o plano econômico, está impedida de fazê-lo porque a direção nacional vetou a participação do partido na revisão constitucional. E na verdadeira sopa de letrinhas em que se transformaram os partidos políticos, deputados do PDT e do PC do B votaram a favor dos grandes agricultores.

Não se trata de criticar o PFL e o PPR por terem obstruído as sessões. A obstrução é direito dos partidos, faz parte do jogo no plenário do Congresso. O que importa é a motivação dos partidos para tomarem atitude tão radical, que inviabiliza o combate à inflação e não deixa alternativa ao país. No fundo, PFL e PPR estão convencidos de que o ministro Fernando Henrique deu uma de esperto, jogando a apresentação de seu plano para o último momento para que o impacto favorecesse uma provável candidatura à Presidência. Para neutralizar essa suposta esperteza, deputados do PFL e PPR espertamente fingem ser contra o aumento dos impostos para inviabilizar todo o plano.

Faz-se política hoje sem grandeza, com visões interioranas do mundo, atribuindo-se aos adversários as mesquinhas que predominam nas próprias atitudes, num círculo vicioso que aprisiona o país. Os momentos de grandeza no impeachment de Collor e na CPI do Orçamento parecem, agora, que foram só jogo de cena. O espírito do Congresso está amortecido por pequenos vícios, pequenas espertezas, mesquinhas que reforçam apenas o espírito de corpo.

Por essas e por outras eu não consigo mais entrar no Congresso sem que me venha à cabeça a imagem daqueles bichinhos que se suicidam coletivamente, numa corrida irreversível para a morte no mar. Eles se reproduzem com grande facilidade e, por uma dessas sabedorias da natureza, se matam aos grupos para equilibrar a espécie. Como é mesmo o nome deles?

Merval Pereira é jornalista do GLOBO.